

# O o a n d a i m e

O andaime era alto,  
alto...  
(e uma viga estava mal segura...)

Os filhotes vermelhos  
saltavam de mão em mão  
como peixes voadores,  
os aprendizes traziam e levavam  
tabuleiros de cal;  
e os muros cresciam  
e abriam-se as janelas  
e os andaimes subiam.

O andaime era cada vez mais alto  
— mais alto...  
(e aquela viga estava mal segura...)

Os operários cantavam — o ritmo dos braços,  
o bater dos martelos, era o ritmo da canção  
— cantavam e riam...  
Em volta, a Natureza, representava a comédia  
da mais inteira confiança:  
O sol boiava num céu calmo, infinitamente azul,  
um céu de charco;  
da rua subia o marasmo destas horas  
em que os burgueses dormem a sesta  
e as moscas zumbem nas vitrines;  
a canção era a mesma de sempre;  
o mesmo o bater dos martelos que enchia o silêncio;  
um bando de pombas viera poisar,  
confiadamente,  
no alto das estacas...  
— (e uma viga estava mal segura...)

Os operários cantavam, cantavam e riam,  
nada lhes dizia  
da ameaça que pesava  
— em tôda a parte a traição do encoberto...

E o andaime era alto...  
tão alto, que  
quando êle caiu, como uma ave ferida,  
o seu corpo ficou desenhado a sangue na calçada,  
que era um outro santo sudário.  
Então a canção parou em tôdas as bôcas  
e mais as roldanas e o bater dos martelos,  
por um momento,  
tudo em volta parou no mesmo espanto...  
Mas a vida continuou  
e a Natureza afivelou de novo  
a máscara de cega confiança.

— Depois, levaram o corpo para a morgue  
e lavaram com baldes de água o sangue  
que secara na calçada e tinha  
um aspecto repugnante.

A casa é alta,  
alta...  
tem ascensor, água encanada e uma mercearia no rez do chão;  
as andorinhas fizeram ninhos nos beirais;  
das varandas debruçam-se cravos e malvas;  
uma toalha que enxuga numa janela  
é uma bandeira de paz;  
a menina loira do terceiro andar, esquerdo, namora  
e vai casar...

Todos os dias  
vem um caso destes nos jornais...

J O A Q U I M N A M O R A D O

## NUMA ENCRUZILHADA DOS HOMENS

[Continuação da página sete]

se «veneram e respeitam» alguns escritores mediocres sob o aspecto de «arte pura» e se não venera a atitude na vida (expressa nas suas produções poéticas) do notável (sob o aspecto de arte pura) poeta José Régio.

Evidentemente que tal atitude de jovens críticos e outros jovens pode chocar certos espíritos imparciais, supervidentes, experimentados, feitos... A razão d'êste facto já foi dita. E' que êsses tais espíritos afastaram-se da encruzilhada e resolveram aplicar-se ao estudo do próprio umbigo. Esse mesmo estudo lhes deu a conhecer o mundo, os tornou imparciais, supervidentes, experimentados e feitos... Emquanto que os tais jovens ficaram na encruzilha-

da e aí jogam a morte pela vitã. Que admirar da sua falta de tempo para se preocuparem e prenderem com a «arte pura»?

E ainda: Como pode José Régio (que «refocila com voluptuosidade intelectual no seu burguesismo, no seu atraso, na sua precoce velhice» — *Cartas Intemporais*) avaliar até que ponto «interesses da mais variada ordem» e «inclinações da mais variada espécie» podem «submeter», em homens que sofrem e necessitam e querem um caminho, os purísimos interesse literário e interesse crítico? Um homem pode pensar ser magnífica uma obra literária, como obra de «arte pura», e ao mesmo tempo compreender a necessidade de repellar tal obra de arte, de a lançar para um canto donde não perturbe a

necessária linha de conduta de companheiros seus, ou de, mostrando-a, comentá-la fortemente. E' que há a encruzilhada. E há um caminho a escolher. E há a sorte dum mundo.

O problema não é de «farejar o talento onde quer que se encontre» (*Cartas Intemporais*), mas sim de encontrar atitudes de outros homens que nos fortaleçam, nos entusiasmem ou nos esclareçam acerca do caminho a tomar na encruzilhada. E' inútil um talento que se limita a adorar o próprio umbigo.

Aos homens a quem importa o futuro da humanidade não interessa farejar nem encontrar um tal talento. E, pelo contrário, pode interessar farejar e encontrar artistas menos talentosos entre aquêles que não foram para a solidão

monologar acerca do seu eu, entre aquêles que ficaram no campo dos gritos e dos choques.

Não interessa o homem isolado dos efeitos das suas acções. Para os homens que se degladiam na encruzilhada, um homem interessa ou vale, na medida em que os acompanha na dôr, na luta e na esperança.

§ Transcrevemos da *Seara Nova* (n.º 615), com a devida vénia, o presente artigo do camarada Alvaro Cunhal, em que se define com uma grande clareza a posição de todos aqueles que, como nós, sentem a importância e a gravidade do momento que passa e por isso não podem senão regeitar o ponto de vista puramente estético do autor das *Cartas Intemporais*.